

Economia - Brasil

QUEDA-DE-BRAÇO: Instituição insiste em recomendar ao governo austeridade fiscal e rigidez na política monetária

FMI alerta para fragilidade econômica do país

Representante do Fundo mostra preocupação com a persistência do déficit externo e da dívida pública nacional

Marco Antonio Teixeira

Flávia Oliveira

• Apesar de ter firmado quatro acordos com o Brasil desde 1998, sempre apoiando as ações do governo, o Fundo Monetário Internacional (FMI) está preocupado com a persistente fragilidade das contas externas e da dívida interna brasileiras. Ontem, no Rio, o representante do Fundo no país, Rogério Zandamela, teceu elogios aos avanços macroeconômicos dos anos pós-Real, mas alertou para o que chama de "quadro permanente de vulnerabilidade" da economia.

O economista do FMI referiu-se, especificamente, à alta necessidade de financiamento externo do país desde a segunda metade dos anos 90. A cada ano, segundo Zandamela,

o Brasil precisa de US\$ 50 bilhões a US\$ 70 bilhões para fechar suas contas.

Dívida interna concentra títulos públicos pós-fixados

Além disso, a dívida interna teria uma estrutura inadequada pela concentração de papéis atrelados a taxas pós-fixadas. Mais da metade da dívida interna brasileira é corrigida pela Selic (juros básicos), enquanto cerca de 30% estão indexados ao dólar.

— A deterioração das contas externas e o perfil não adequado da dívida pública são anteriores ao acordo de 1998. E até hoje, as vulnerabilidades são as mesmas — disse Zandamela, assinalando que o tamanho da dívida é comparável à de muitos países

desenvolvidos. Atualmente, a dívida interna representa 54% do PIB nacional.

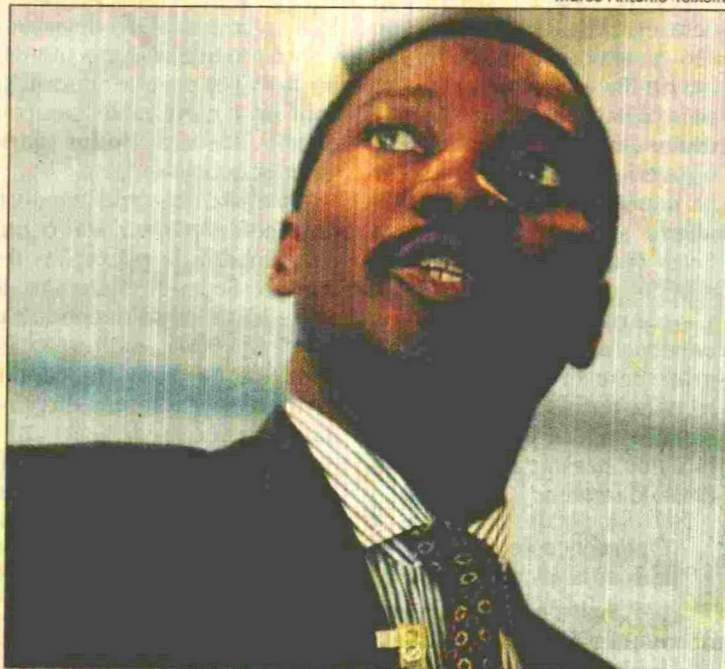
Zandamela traçou um panorama do cenário econômico do Brasil antes de cada acordo e enumerou as condições do Fundo para liberação de recursos. Em todas as negociações — do acordo original de 1998 à revisão pós-desvalorização, da renovação em julho de 2001 ao crédito adicional de US\$ 9,9 bilhões anunciado anteontem — o FMI sempre exigiu a adoção de política monetária conservadora (leia-se aumento de juros via Selic ou elevação de compulsórios) e medidas de austeridade fiscal. Crescimento econômico nunca esteve presente.

— Não foi por acaso que ontem (quinta-feira) o governo

anunciou aumento do superávit primário. Não basta usar a política monetária e ampliar a capacidade de intervenção no câmbio, é preciso dar algo em troca — disse Zandamela.

Diretoria do Fundo vai apenas formalizar pacote

Segundo o economista, o Fundo aprovou sem restrições a liberação de mais recursos ao Brasil. Por isso, no início da semana, a diretoria deve apenas formalizar o novo desembolso. Em troca, além da rigidez monetária e fiscal, o Brasil tem como missão aprofundar as reformas estruturais e do sistema financeiro e aumentar seu grau de integração comercial, especialmente com os vizinhos latino-americanos, para aumentar as exportações. ■



ZANDAMELA, do FMI: as vulnerabilidades são sempre as mesmas